

RESSURGIMENTO DA MILÍCIA EM Ogoniland: PERSPECTIVA SOCIOECONÔMICA

Oluwaseun Bamidele¹

Introdução

A milícia em Ogoniland, uma região do sudeste da Nigéria, continua a chocar a humanidade devido a sua impunidade, frequência e severidade. A luta contra milícias locais pelo governo nigeriano desperta questões preocupantes e urgentes relativas a eficácia dos esforços realizados. Para resolver esse problema, esse discurso vira a questão ao contrário: o que pode ser feito para deter a miríade de fatores responsáveis pela milícia em Ogoniland? Responder a essa questão é crucial para identificar a quem ou ao que se deve atribuir a culpa, e conseqüentemente as estratégias a serem utilizadas para resolver esse desafio. Interessantemente, seguindo um debate nacional sobre milícia, os Ogonis veem-se sem poder, eles desconfiam de seus líderes e estão frustrados por não conseguirem legitimamente beneficiarem-se dos recursos petrolíferos de sua terra.

Os militantes têm sido responsáveis por vandalizar gasodutos e despejar petróleo para poluir rios em Ogoniland, incluindo dezenas de ataques a funcionários de empresas petrolíferas, a moradores locais e estrangeiros na sua comunidade. A Nigéria, como muitos outros países, tem sido confrontada por milícias durante os últimos anos. A princípio, muitos na Nigéria não acreditavam que o país poderia se tornar um foco de ataques de milícias. Entretanto, com o aumento no número de ataques e sequestros entre 1990 e 2015 e sem muito sucesso das agências de segurança em deter a ameaça, parece agora que a milícia firmemente se estabeleceu e está expandindo sua atuação em Ogoniland. O governo nigeriano cometeu erros fundamentais a

¹ Institute of Peace, Security and Governance, Ekiti State University, Ado-Ekiti, Nigéria. E-mail: oluwaseun.bamidele@gmail.com

respeito da Ogoniland e, sem dúvida, esses erros, de acordo com observadores críticos, são às vezes comparados com crimes socioeconômicos. Porque desafios de segurança em Ogoniland são multidimensionais e superá-los requer uma estratégia também multidimensional. Não há dúvidas, no entanto, que qualquer estratégia adotada deva reforçar a “boa governança política”. Isso porque a maioria dos desafios são consequência da falta de transparência e responsabilidade na governança, deficiências do Estado de direito, graves violações de direitos humanos fundamentais, degradação ambiental, grande incidência de corrupção e demandas por justiça ambiental, socioeconômica e política. Além disso, as instituições políticas e de justiça criminal da Nigéria tornaram-se muito fracas, enquanto nossos valores sociais e morais têm sido degradados. Ao invés de focar o debate nesse problema politicamente delicado, controverso e altamente polêmico, esse capítulo discute a milícia como um dilema socioeconômico e não como um problema primordialmente político. Explicações econômicas e exames intelectuais socialmente facetadas em Ogoniland são realmente predominantes e aparecem frequentemente nos discursos nacionais. Diversos especialistas e analistas defendem que a milícia em Ogoniland é um problema socioeconômico – que é um meio para atingir alguns objetivos socioeconômicos.

Assim, a milícia em Ogoniland é uma questão para debate que provem de considerações socioeconômicas e ideológicas em níveis nacionais. Essa discussão será limitada a problemas socioeconômicos e almeja criar um caminho para o posterior debate na arena política. A política nunca pode explicar, muito menos justificar, o sequestro de petroleiros de multinacionais e o assassinato de oficiais de segurança a sangue frio em qualquer lugar, com os homicídios planejados e pensados previamente. Dada a visível injustiça de não se beneficiarem de seus próprios recursos e ainda tendo que enfrentar as consequências negativas da extração, diferentes grupos militantes surgiram. Muitos são socioeconômicos em sua natureza, mas usam táticas violentas para demandar maior controle local, mais transparência no gerenciamento da renda do petróleo e compensação adequada àqueles afetados pela extração e exploração do recurso. Outros grupos têm tirado vantagem da situação para operar como gangues militantes, recorrendo a atividades como os sequestros de estrangeiros petroleiros em troca de resgates, roubo de petróleo, etc. Esses dois grupos não representam categorias incontestáveis e as linhas entre elas frequentemente se confundem. A situação securitária em Ogoniland deteriorou-se consideravelmente nos últimos anos. As formas mais visíveis de insegurança têm sido as várias tentativas dos grupos militantes e gangues de prejudicar a exploração e produção de petróleo em Ogoniland e de criar uma atmosfera de medo através do sequestro de estrangeiros e nigerianos.

Abordagens Teóricas para o Ressurgimento da Milícia em Ogoniland

Existem melhores explicações de por que privação e marginalização tornaram-se uma “ferramenta” essencial na esfera social e econômica e em suas manifestações militantes. Por exemplo, o modelo de Ted Gurr de relativa privação, mobilização e ressentimentos é extremamente relevante para entender a intrusão da privação e marginalização em círculos socioeconômicos e o fenômeno da milícia. Todavia, aqueles mais privados, oprimidos e mais necessitados são os que geralmente se rebelam violentamente. Na verdade, todos os grandes nomes na lista de culpados da história recente acabaram por serem aqueles privados, marginalizados e não relativamente ricos. Enquanto ocorreram protestos por comida e revoltas de camponeses, frequentemente, as revoluções e a violência acontecem quando as condições não melhoraram ou não têm sido melhoradas e por aqueles que são os mais privados. As explicações variam, mas geralmente se foca em duas proposições.

Em primeiro lugar, a privação é subjetiva e função da percepção, necessidades e conhecimentos de uma pessoa. Para relacionar a privação a uma falta objetiva ou absoluta de algo como a liberdade, a igualdade ou sustento, é ignorar o fato de que a definição dessas mudam de acordo com períodos históricos, a cultura, a sociedade, a posição e a pessoa. A segunda proposição lida com essas normas. Esta afirma que tomamos nossa posição presente ou esperada, realizações, gratificações ou capacidades como base de comparação contra os nossos desejos ou necessidades, ou o que nós sentimos que deveríamos ter. A diferença entre desejos ou deveres e gratificações ou capacidades é então a nossa privação, ou privação relativa, no sentido de que ela depende da nossa base de comparação. A literatura sobre estes dois princípios e na privação relativa é bem organizada pelo livro de Ted Gurr “Por que os homens se rebelam” (*Why Men Rebel*), o qual merece discussão. A ideia de privação relativa foi usada tanto para medir a equidade, a desigualdade e a justiça social, ou para explicar queixas, hostilidades socioeconômicas e agressão. A preocupação de Gurr (1970) é a privação relativa como causa para a agressão. Gurr (1970) articulou modelos, sugerindo que a diferença entre as expectativas e as realizações contribuiria para a vontade do povo se rebelar. Em particular, Gurr (1970) observou que rebeliões eram mais prováveis de serem incentivadas pelos movimentos sobre a base de privação percebida. Neste debate sobre a milícia de Ogoniland, o fenômeno agressivo, violento da milícia atesta a teoria de Ted Gurr de que é a diferença entre as expectativas de uma administração com base na “verdade” face uma realidade de uma administração “adulterada” que leva esses guardiões autoproclamados a usar a

violência em nome de privação e marginalização. A tese deste artigo é baseada em duas teorias: uma que a indignação nasce da privação (social e econômica), é a preocupação individual que se manifesta coletivamente. Muitas vezes, a privação social e econômica é agregada dentro de grupos específicos com uma identidade cultural homogênea.

Por exemplo, uma minoria étnica pode sofrer desproporcionalmente em uma dada sociedade e essa forma de indignação pode levar a desordem geral através das linhas socioeconômicas que distinguem os grupos minoritários (Gurr 2000). Na maior parte das regiões do mundo onde existem movimentos étnicos, que às vezes têm natureza violenta, são minorias se rebelando contra o sistema. Gurr, por exemplo, explica:

Em resumo, a fonte primária da capacidade humana de violência parece ser o mecanismo de frustração-agressão. A frustração não necessariamente leva a violência e violência para alguns homens é motivada pelas expectativas de ganho. A raiva induzida por frustração, entretanto, é uma força motivadora que dispõe os homens a agressão, independente de seus meios. Se a frustração é suficientemente prolongada ou agudamente sentida, a agressão é bem provável, senão certa, de acontecer. Para concluir que a relação não é relevante para a violência individual ou coletiva é semelhante a premissa de que a lei da gravidade é irrelevante a teoria do voo porque nem tudo o que se levanta pousa na terra de acordo com o princípio básico da gravitação. O mecanismo de frustração-agressão é nesse sentido análogo a lei da gravidade: homens que estão frustrados têm uma disposição inata de realizar violência em relação a fonte na proporção da intensidade das suas frustrações (Gurr 2000, 36-7).

Isso nos traz de volta a tese que argumenta que para entender a intrusão da privação e marginalização da vida socioeconômica de um povo e o fenômeno da milícia em Ogoniland, região do sudeste da Nigéria, é necessário entender o elemento do “medo”. A linha comum que tece movimentos socioeconômicos violentos em conjunto é o medo. Isso é verdade no caso da milícia Ogoni. O medo de ser privado de algo leva a ação agressiva, enquanto o medo de ser deixado de fora dirige a milícia contra forças predominantes. Embora este não seja nem o único fator motivador para a manifestação social e econômica da milícia em Ogoniland, nem necessariamente o mais óbvio; é conspicuamente presente em todos os momentos. Sempre que perguntar por que as pessoas abrigam o ódio, ou por que eles estão dispostos a matar ou morrer por uma causa, a resposta é invariavelmente “medo”. Os militantes Ogoni estão unidos pelo medo. Alguns grupos temem a mudança, a modernização e a perda de influência para a gratificação física e material. Eles estão especialmente com medo da privação e da marginalização. Eles temem um

futuro sobre o qual terão pouco controle e aquele que não poderão sequer compreender. Portanto, se a privação relativa pode explicar o fenômeno da milícia entre as minorias Ogoni, o medo de ser privado do status esperado e a incapacidade de alcançar uma sociedade “desejável” pode explicar a milícia crescente entre essa minoria étnica. Os Ogonis, como grupo minoritário, sofrem de tal medo o qual frequentemente leva o grupo militante Ogoni a desencadear, na região norte da Nigéria, guerras contra as forças de segurança do governo e contra trabalhadores estrangeiros das petrolíferas em Ogoniland. Este artigo baseia-se na teoria da privação relativa como Gurr (2000) sugere ou o elemento de medo que levou o grupo minoritário Ogoni em um ciclo de milícia étnica devido à intrusão de privação e de marginalização em contextos sociais e econômicos. As forças sociais e econômicas “temeram” perder a identidade na base pela qual o Estado foi esculpido, além da vasta população minoritária que vive às margens da sociedade e se sentem privadas de poder social e econômico, levando à politização da vida socioeconômica das pessoas e sua extrema manifestação na forma de milícia.

Os Antecedentes Históricos da Milícia em Ogoniland

Os Ogonis são um antigo grupo étnico minoritário que vive na região sudeste da Nigéria. O petróleo economicamente viável foi descoberto em Ogoniland em 1957, apenas um ano depois do descobrimento do primeiro depósito de petróleo comercial na Nigéria, a holandesa Royal Shell e a Chevron Corporation se estabeleceram nas duas décadas seguintes (Boele, Fabig e Wheeler 2001). Eles representam por volta de um milhão de pessoas e vivem em uma área de 1,050 km², sua terra natal, a qual chamam de Ogoni ou Ogoniland (National Bureau of Statistics 2006). Tradicionalmente, Ogoniland consiste em seis reinos: Babbe, Eleme, Gokana, Ken-Khana, Nyo-Khana, e Tai (Carr, Douglas e Onyeagucha 2001). Os Ogonis ocupam uma planície aluvial delimitada ao norte pelo Rio Imo e seus vizinhos Igbo; ao sul pelas praias do litoral onde vivem os Obolo (Andoni); ao leste pelo rio Opobo e os Ibibio; e no oeste pelo Ikwere que se estende até a cidade de Port Harcourt, no estado de Rivers. Sua ocupação consiste principalmente na pesca e no cultivo de lavoura (Opukri e Ibaba 2008).

Os Ogonis são um povo distinto que existe há mais de 500 anos. Constituem uma sociedade agricultora e pescadora, vivendo em comunidades rurais unidas em uma das áreas mais densamente povoadas da África. O povo Ogoni atraiu a atenção internacional e simpatia mundial em 1990 quando Ken Saro-Wiwa, um ativista e ambientalista de Ogoniland internacionalmente reconhecido, começou a mobilizar seu povo, os nativos Ogonis, em protestos

pacíficos contra a Shell Oil Corporation (African Network for Environment and Economic Justice (ANEEJ) 2004). Enquanto no início de 1990 sob a liderança de Ken Saro-Wiwa, um grupo radical ou militante, o Movimento de Sobrevivência do Povo Ogoni (MOSOP, na sigla em inglês), planejou tomar medidas contra o governo nigeriano e as companhias petrolíferas operantes em Ogoniland. No final de 1990, o MOSOP apresentou a Carta de Direitos dos Ogonis ao governo nigeriano (Association of Nigerian Scholars for Dialogue 1990; Ebeku 2001). Essa Carta almejava adquirir autonomia política e econômica para o povo Ogoni, deixando-o no controle dos recursos naturais da Ogoniland e para proteger o meio ambiente de futura degradação.

Em 1993, nos protestos subsequentes, que eram planejados para impedir contratantes de conceder novos oleodutos a Shell, as agências de segurança invadiram a área para reprimir as atividades do grupo militante. No caos que se seguiu, alega-se que 27 aldeias foram invadidas, resultando na morte de 2.000 Ogonis e o deslocamento de cerca de outros 80.000. Por mais de 60 anos, derramamentos de óleo e queima de gás de explorações de petróleo por multinacionais destruiu o meio ambiente e a saúde dos nativos Ogonis, comprometendo milhares de vidas e seus meios de subsistência (Brown 2006). Cinco anos após o começo dessa campanha, Saro-Wiwa e outros militantes Ogonis incluindo Baribor Bera, Saturday Dobe, Nordu Eawo, Daniel Gboko, Barinem Kiobel, John Kpuien, Paul Levura e Felix Nuate foram brutalmente enforcados pelos seus protestos pacíficos sob as ordens do falecido General Sani Abacha, que naquela época era o ditador militar da Nigéria.

Começando em 1997, o grupo militante estava muito ativo em pressionar o governo da Nigéria por uma parcela maior das rendas do petróleo e por maior controle político e econômico sobre sua terra. Eles eram muitas vezes militantes, tomando instalações da indústria petrolífera, vandalizando os oleodutos e sequestrando trabalhadores das multinacionais. Suas ações contra o estado nigeriano eram raramente violentas, apesar de seus membros estarem frequentemente envolvido em violência contra grupos étnicos rivais.

Em 1999, houve assassinatos em retaliação por parte dos militares e da política em Ogoniland. Tortura e estupro também eram usados contra os Ogonis (Amnesty International 2005). As forças militares nigerianas isolaram a área de forasteiros após os Ogonis se tornarem mais incisivos em suas demandas e a Ogoniland se transformou em uma área militarizada. Pelo final de 1999, pelo menos 2.000 Ogonis foram mortos desde que os primeiros protestos contra a Shell. No período 2011-2015 o nível de repressão contra o grupo militante Ogoni parece ter aumentado (Okechukwu 1999).

Condutores da Milícia em Ogoniland

A milícia em Ogoniland não deve ser pensada como uma vingança política desencadeada por indivíduos ou um grupo; ao contrário, ela é genuinamente uma questão socioeconômica. A esse respeito, o círculo indeterminado de alvos imediatos de atos militantes e o uso da violência em relação a um grupo indeterminado de trabalhadores petrolíferos inocentes em prol da realização de um último objetivo – a satisfação das exigências econômicas e sociais – são os indicadores mais relevantes. Assim, “da milícia se pode falar apenas quando o sentido de um ato é definido como a criação de medo e terror. Esta é a característica fundamental da milícia Ogoniland” (BBC News Africa 2007). Agora, como pode a milícia ser diferenciada da violência de libertação ou da batalha pela libertação nacional? Os militantes Ogoniland não estão lutando pela liberdade socioeconômica para a sua terra? Uma vez que lidar com a milícia requer uma abordagem multidimensional, é necessário que o governo nigeriano reexamine as condições socioeconômicas em Ogoniland, a principal área operacional dos militantes.

Na Nigéria, a Ogoniland é a mais atingida em termos de pobreza, marginalização econômica, desemprego, subdesenvolvimento, falta de acesso à educação e degradação ambiental devido a derrames de petróleo, queima de gás e desmatamento (Climate Justice Programme/ERA 2005). As pessoas são o pilar mais importante de produtividade e desenvolvimento do país. É dever fundamental e responsabilidade do Estado atender as necessidades básicas de seu povo. Essas necessidades humanas básicas compreendem abrigo, alimentação e vestimenta. Quando essas necessidades não são satisfeitas, problemas socioeconômicos estão sujeitos a surgir. A Ogoniland tem sido vítima de tais problemas. A verdadeira questão não são os problemas da área, e sim a maneira como eles são atendidos e enfrentados. Quando as queixas do povo Ogoni não são rapidamente resolvidas, é que eles acabam por ser uma ameaça para o país (Omeje 2000). Eles iriam recorrer a ações que possam exercer um impacto negativo na sociedade; um povo privado de necessidades básicas da vida é ignorante ou pode ser vingativo.

Isso resulta em comportamentos desviantes como a violência e inquietação. Ele também gera pobreza, o analfabetismo, a impunidade e muitos outros males socioeconômicos, incluindo a milícia. Um país cercado de crises socioeconômicas deixa de atrair investimento. Baixo investimento estrangeiro direto (IED) resulta em desaceleração econômica e ausência ou fraqueza das indústrias locais competitivas e provoca um declínio nas exportações, afetando também os mercados de ações e de inflação. A Ogoniland vem enfrentando uma série de problemas socioeconômicos desde a descob-

erta de petróleo em quantidades comerciais em Oloibiri em 1957. No início, havia os problemas de fundos inadequados, falta de infraestrutura e pobreza generalizada entre o povo Ogoni.

Em 1990, Ken Saro-Wiwa e seu grupo escreveram a Carta de Direitos dos Ogonis, que catalogou demandas das pessoas por justiça ambiental, socioeconômica e política (Amnesty International 2005). Ken Saro-Wiwa e nove membros Ogoni deram seu melhor para resolver estes problemas socioeconômicos e para manter a engrenagem da comunidade funcionando. Devido à sua morte súbita, eles não puderam cumprir a sua missão. Infelizmente, os líderes Ogoni na comunidade depois deles não deram a devida atenção para encontrar soluções dos diversos problemas socioeconômicos. Posteriormente, com o tempo os problemas pioraram e tornaram-se males sociais, transmutados à milícia. A Ogoniland é uma comunidade minoritária e enfrenta uma ampla gama de problemas sociais, juntamente com a instabilidade política que agrava ainda mais os problemas. Atualmente, a Ogoniland é confrontada com muitos desafios na forma de problemas sociais e econômicos.

Meio Ambiente e Subsistência

A primeira é a degradação ambiental. Os Ogonis são confrontados por desvantagens demográficas e ecológicas. Comparados com a maioria dos outros grupos na Nigéria, sua área não tem infraestrutura básica; devido ao continuado declínio das condições de saúde, muitos deles têm menor expectativa de vida e enfrentam problemas ambientais decorrentes do alto nível de poluição em Ogoniland (Igbara 2010). Devido às ações repressivas tomadas pelo governo nigeriano no passado e no presente, muitos Ogonis deixaram a área completamente. Muitas das restrições que os Ogonis enfrentaram foram removidas desde as eleições de 1999 e com a consciência internacional sobre sua luta. No passado, no entanto, o grupo foi excluído pela maioria em assuntos políticos e econômicos devido à negligência histórica e não havia políticas em vigor para remediar a situação. A degradação ambiental, devido a derrames de petróleo, queima de gás e ao desmatamento, teve efeitos graves, especialmente nos marginalizados econômica e socialmente. Isso levou o povo Ogoni ao conflito com o governo e as empresas petrolíferas multinacionais. Além disso, o esgotamento dos recursos naturais tem tanto aumentado os níveis e a profundidade da pobreza como os mais vulneráveis são os mais dependentes das rendas ambientais. Dada a dependência dos sistemas de subsistência locais sobre os recursos naturais (quase 90% dos habitantes em Ogoniland dependem do ambiente natural), a destruição do meio ambiente devido a derrames de petróleo, queima de gás e desmatamento tornou

vulneráveis as comunidades Ogoni mais pobres e teve diretos impactos altamente prejudiciais (Ubong 2010). Portanto, a proteção do ambiente natural de Ogoniland está intimamente ligada à proteção dos direitos e bem-estar econômico dos seus cidadãos.

Falta de Acesso à Educação de Qualidade

Talvez a maior desvantagem venha no campo da educação: falta de acesso à educação de qualidade pela maioria dos habitantes torna Ogoniland incapaz de lidar com os crescentes desafios do século XXI. As instalações escolares estão colapsando com as salas de aula e laboratórios vazios. O povo Ogoni afetado pela pobreza é incapaz de custear educação de qualidade e formação decente para seus filhos. Além disso, a negligência por parte do governo nigeriano agrava a situação, especialmente na área da educação geral para a juventude em Ogoniland. Apesar das várias medidas tomadas por um ex-governador do Estado de Delta, Dr. Emmanuel Uduaghan, na promoção da educação de qualidade, a taxa de analfabetismo tem oscilado em torno de 72% ao longo dos anos (Izeze 2015). Os Ogonis gastam somente uma quantidade escassa de seu produto interno bruto (PIB) neste setor vital. Devido ao baixo investimento, escolas públicas estaduais em Ogoniland são privadas de serviços básicos, como salas de aula padrão, bibliotecas bem equipadas e laboratórios, além de faltar também água, saneamento básico e eletricidade. O setor petrolífero privado não está fazendo um trabalho digno a este respeito na criação de escolas por iniciativa privada. No entanto, devido ao objetivo de lucro do setor, a educação permanece fora do alcance dos pobres. A taxa de conclusão estimada da educação primária em Ogoniland é de 30,7% para as mulheres e de 50% para os homens, o que mostra que para a maioria das pessoas de Ogoni nos seis reinos não é possível obter educação básica (National Bureau of Statistics 2015).

Pobreza Generalizada em Ogoniland

A produção agrícola de Ogoniland foi severamente reduzida nos últimos tempos. Isto é em parte devido a perda de terras por causa da poluição de petróleo e, em parte, a problemas de fertilidade do solo decorrentes da chuva ácida/alcalina causada pela queima de gás. Grandes áreas de água doce e salgada usadas para a pesca também se tornaram improdutivas por derrames de petróleo (National Bureau of Statistics 2015). Os alimentos estão se tornando cada vez mais caros e potenciais agricultores são demasiado pobres

para pagar por sementes e trabalhadores. A pobreza agravou-se nas áreas de Ogoni durante os últimos anos. Quase todos os trabalhadores das petrolíferas multinacionais são pessoas que vêm de fora e com as quais o povo Ogoni tem de competir por produtos básicos. Quase não existem projetos do governo para resolver os problemas de desenvolvimento na região. Atrair ajuda externa para Ogoniland tem sido difícil e algumas iniciativas de auto-ajuda da comunidade foram atreladas ao MOSOP e, por isso, interrompidas (Akunna 2006). A Ogoniland está em isolamento econômico total pelo governo, e a maioria das estradas tornou-se fora de uso, fazendo o transporte extremamente difícil. Os dados disponíveis mostram que a pobreza aumentou entre 1956 e 2015 nas comunidades, e os níveis de pobreza atuais em Ogoniland são os mais elevados da Nigéria. Contudo, os dados de incidência da pobreza por si só não explicam o descontentamento entre os habitantes de Ogoniland. A volatilidade de Ogoniland é principalmente devido a um sentimento de injustiça impulsionada pela profundidade da pobreza, os níveis de desigualdade e as avaliações subjetivas de pobreza. Estatísticas sobre a pobreza mostram que essa taxa aumentou em Ogoniland. No entanto, os níveis de pobreza auto-avaliada e percepções de desigualdade indicam fortes sentimentos de marginalização econômica. É correto dizer que pobreza em qualquer lugar é uma ameaça para a prosperidade de todos. Cerca de 70% da população do povo Ogoni vive em aldeias rurais (International Crisis Group 2006). Segundo algumas fontes, a pobreza aumentou sensivelmente em Ogoniland, com a maior incidência de pobreza variando entre 60,9% a 70,1% durante os últimos anos (Nwilo e Badejo 2001). Por outra conta, 60% da população Ogoniland vive abaixo da linha de pobreza (Ukeje 2001). Em tais condições, um grande número de pessoas de Ogoniland está privado de necessidades básicas da vida. Educação de qualidade e serviços de saúde estão distantes deles. Os Ogonis são forçados a pensar em sua sobrevivência somente.

Alto Nível de Desemprego em Ogoniland

Níveis de desemprego e subemprego são altos em Ogoniland e limitam os caminhos disponíveis para os habitantes Ogoni saírem da pobreza. O desemprego dos jovens, em particular, é um motivo de preocupação, uma vez que tem proporcionado uma base de recrutamento para grupos militantes. A população crescente já quase ultrapassou recursos disponíveis e as oportunidades de emprego; Ogoniland é confrontada com o duplo problema de desemprego, subemprego e não empregabilidade; muitos jovens na área, incluindo os formados, não têm sequer as habilidades empregáveis no mercado de trabalho de hoje e muitos não estão fazendo o melhor das oportunidades

ao seu redor (como durante a estação seca), de modo que permanecem sub-empregados ou subutilizados. As taxas de desemprego existentes são: Babbe Kingdom 32.1%, Eleme Kingdom 34.2%, Gokana Kingdom 23.3%, Ken-Khana 26.8%, Nyo-Khana 35.6%, e Tai 34.8% (Bassey et al. 2002). Ogoniland está enfrentando o desemprego cíclico, técnico, estrutural e sazonal, que é econômica e socialmente devastador. Além das instalações de petróleo e refinarias, não há indústrias manufatureiras em Ogoni para reduzir o desemprego. Esta situação cada vez mais resulta em degradação psicossocial. A parte mais terrível da situação é que o desemprego aumenta a cada ano em Ogoniland, o qual, no longo prazo, será prejudicial não só para a economia da região, mas para todo o país. O desemprego cria frustração e uma atitude vingativa entre os carentes. Isso leva a um aumento na incidência de milícia.

Marginalização das Mulheres e Grupos Vulneráveis

Não houve uma mudança fenomenal em Ogoniland desde a descoberta de petróleo em 1956. Mais de 60 anos após a independência, 80% das mulheres Ogonis ainda estão submetidas a violência. Uma em cada três enfrenta estupro, crime de honra, imolação ou ataque de ácido por parte de seus maridos radicais e militantes (Opejobi 2016). As mulheres em Ogoniland têm sofrido por anos de sistemático abuso de direitos humanos nas mãos de dos trabalhadores das petrolíferas multinacionais operantes na área.

Ineficaz Aplicação de Justiça

A violação dos direitos humanos pode ser atribuída à ausência de justiça em tempo para o povo Ogoni; justiça atrasada é justiça negada. Aplicação da justiça adequada é a essência de uma sociedade de bem-estar. É dever do governo nigeriano promover a justiça e fornecer caminhos para ela. No entanto, este tem sido um sonho para as pessoas pobres de Ogoniland. Desde a descoberta de petróleo na sua terra, o Judiciário não cumpriu as expectativas. Um Judiciário comprometido e ineficiente não será capaz de aliviar o sofrimento das pessoas. O povo Ogoni está defendendo cada vez mais os seus direitos de terras e propriedades. Sob tais condições, o povo Ogoni recorre ao comportamento violento como a milícia.

Deslocamento do Povo Ogoni e Sistemas de Suporte Social

A milícia emergiu como um monstro para o mundo em geral e para Ogoniland em particular. O governo nigeriano, usando forças de segurança contra os militantes em Ogoniland, revelou-se um pesadelo. Em março de 2016, militantes saquearam várias companhias petrolíferas multinacionais em sua terra natal e outras cidades em Ogoniland, destronaram os seus trabalhadores locais e estrangeiros e atacaram com sucesso as agências de segurança. A imagem de Ogoniland como reino pacífico tem sido manchada. Milhares de pessoas que vivem em Ogoniland perderam suas vidas, enquanto milhões de pessoas perderam tudo o que tinham e se deslocaram para locais mais seguros, mas menos acolhedores em cidades e estados vizinhos.

Milícia em Ogoniland: Exclusão-Inclusão

O interesse de uma massa de grupo minoritário excluído (marginalizados) em Ogoniland está, direta ou indiretamente, tácita ou obviamente, representado por organizações militantes e militantes individuais trabalhando no conflito com organizações ou grupos formais (Okonta 2006). A polarização entre a minoria muito rica e poderosa (associou-se à erosão relativa da classe média, “o fiador” de solidez do sistema social), e a maioria muito pobre e impotente culmina em condições de economia nacional, em uma divisão da nação entre incluídos e excluídos em Ogoniland – um problema que coloca a humanidade em risco existencial.

Milícia em Ogoniland: Direitos Humanos e Pobreza como um Fenômeno Central

Celestine AkpoBari discursa em uma vigília para os nove Ogoni que foram mortos, ele disse: “Há pouco tempo atrás, o governador do nosso estado na Nigéria disse aos Ogonis: ‘Por que vocês não podem seguir em frente?’ (Arubi e Onoyume 2016). A simples resposta é que desde a morte de Ken, em 1995, nada foi feito para impedir a devastação provocada pela extração de petróleo indesejada e suja em nossa terra natal” (Arubi e Onoyume 2016). A elite dominante (isto é, os ricos, ou gladiadores políticos) não está suficientemente consciente deste processo nacional de violação dos direitos humanos e da pobreza em Ogoniland. A este respeito, a agressão do governo nigeriano aos militantes (não importa o quão “ruins” os Ogonis podem ter sido) e as ações dos Ogonis (não importa quão cruéis os militantes Ogonis podem ser)

são exemplos eloquentes.

Não importa quem começou, a humanidade está agora pagando por seus jogos políticos com montanhas de corpos inocentes. Citando Liddel Hart, Badmus (2006), revelou que: A campanha deste tipo é mais provável que continue, porque é o único tipo de luta que se adapta às condições da idade moderna, sendo, ao mesmo tempo adequada para tirar vantagens do descontentamento social, fermento radical e fervores nacionalistas (Badmus 2006). Geralmente, dois desafios fundamentais têm confrontado Ogoniland desde a independência: a falta de integração nacional (enraizada na marginalização econômica e social) e o subdesenvolvimento (em grande parte devido à degradação ambiental como resultado de derrames de petróleo, queima de gás e desmatamento). A história tem mostrado frequentemente que, em casos nos quais a liberdade básica foi negada, os oprimidos se voltam para ações primitivas e agressivas, tais como a milícia. O ponto de inflexão da milícia em Ogoniland, portanto, seria a capacidade de converter o potencial de violência em o que parece ser uma luta socioeconômica carismática.

Para fazer isso, os grupos paramilitares locais devem apresentar-se como defensores da justiça social ou protagonistas no apoio à realização dos direitos humanos. Primeiro, com base nos direitos humanos, a segurança nacional e interesse público tornaram-se relacionados de tal forma que os dois são as responsabilidades principais ou primárias de qualquer governo democrático para o seu povo. A seção 14 (4) (b) da Constituição da República Federal da Nigéria de 1999 prevê que “a *segurança e bem-estar* das pessoas deve ser o objetivo primário do governo nigeriano”. Os direitos humanos são direitos primários e inalienáveis (Artigos 1, 2, e 3 da Declaração Universal de Direitos Humanos; United Nations 1949) (Nwabughioqu 2016). Violações dos direitos humanos produzem reações violentas, nomeadamente milícia. Demandas para o cerceamento dos direitos humanos por causa da guerra contra a milícia são absurdas. Primeiramente, porque os direitos humanos constituem ideologicamente o apoio mais poderoso para ato de milícia de Ogoniland; é a base ideológica para a legitimação da milícia. Em segundo lugar, existe um risco crescente para o povo Ogoni de se tornarem vítimas de violações dos direitos humanos. Esta observação aplica-se, em particular, a Ogoniland: todos nós somos, em grande parte, reféns, e não de milícias, mas da estrutura de poder. Os direitos humanos e o risco de crime estão inversamente relacionados: quanto maior a confiança no respeito aos direitos humanos, menor a probabilidade de crime. A história da repressão política (radical) e milícia na forma de assassinatos políticos remonta há muitos anos (Nwabughioqu 2016).

No entanto, alguns pesquisadores têm apontado que o caráter mais

marcante da milícia contemporânea em Ogoniland é o fato de que ele se tornou “parte integrante do Estado nigeriano paramilitar – uma das formas de poder do Estado”; que constitui uma intimidação violenta e sistemática da sociedade nigeriana em geral; que apresenta um caráter de massa; que o número de atos paramilitares e suas vítimas está constantemente a aumentar; e que a milícia deve ser pensada levando em consideração a localização. Os grupos de milícia apresentam um desafio significativo para o governo nigeriano a trabalhar para promover os direitos humanos, autodeterminação, a liberdade individual e sociedades estáveis. Todavia, eles devem continuar a procurar soluções e dedicar recursos para remover as condições sociais, econômicas e políticas que criam um ambiente onde a milícia possa florescer. Cabe aos formuladores de política, analistas e estudiosos continuarem a divergir das milícias locais na tentativa de entender melhor as formas de combater a ameaça e de se empenhar para melhorar a qualidade de vida de todas as pessoas em Ogoniland. Em segundo lugar, cada ser humano, como um organismo vivo com sentimentos, aspirações e ego abomina dor e sofrimento. Os Ogonis não podem suportar injustiça, humilhação, insulto, discriminação, enganação ou intimidação. Politicamente, o povo de Ogoniland almeja relevância, participação na tomada de decisões, ser consultado sobre questões de destino comum, especialmente as questões que lhes afetam e aos seus entes queridos e à sociedade da qual fazem parte. Em Ogoniland hoje, as pessoas estão sofrendo dificuldades socioeconômicas incalculáveis no meio da abundância. Em toda parte, as dificuldades, a fome e a decepção estão estampadas nos rostos de cada Ogoni. Estas falhas por parte do governo nigeriano criam as condições para a milícia, especialmente dados os bolsões de injustiça socioeconômica em Ogoniland. Uma vez que a Ogoniland está sujeita a graves dificuldades econômicas resultantes de causas naturais ou outras, há uma tendência de crescentes desafios à segurança. Isso ocorre porque as profundas crises socioeconômicas tendem a gerar clivagens sociais. Em tais contextos, clivagens sociais significam divisões que são baseados na etnia, língua, gênero, classe, até mesmo de castas e muitas vezes uma combinação complexa de alguns desses critérios. Como a situação econômica de Ogoniland piora, essas clivagens de classes e culturais pluralistas tendem a aumentar, e a luta por escassos recursos econômicos torna-se mais intensa.

Pobreza e Milícia em Ogoniland

A pobreza é uma das questões socioeconômicas mais urgentes que a humanidade enfrenta hoje. Nos últimos anos, na Nigéria como um todo, e em Ogoniland em particular, aconteceram mudanças monumentais nos índices

de pobreza. A riqueza econômica nacional aumentou sete vezes entre 1957 e 2015 e a renda média triplicou também entre 1980 e 2015. No entanto, a pobreza aumentou para registrar níveis elevados em terras (como Ogoniland) onde o petróleo foi descoberto. O fator principal é que a riqueza está concentrada nas mãos de uma pequena elite, enquanto a maioria em Ogoniland vive em extrema pobreza. Entre 1957 e 2015, a pobreza aumentou desproporcionalmente em Ogoniland. E entre 1999 e 2015, a situação era completamente uma tendência contínua com a incidência de pobreza cada vez maior em Ogoniland. Mais uma vez, em 2015, a situação mudou completamente com a incidência da pobreza mais elevada já registrada em Ogoniland devido à severa degradação ambiental.

O Nexo Pobreza-Milícia

Existe uma relação direta entre o aumento da pobreza e da milícia. Sempre que a pobreza aumenta, a incidência de milícia aumenta. O aumento da pobreza alimenta a milícia; a milícia empobrece ainda mais pessoas e o ciclo vicioso continua. O Programa Nacional de Erradicação da Pobreza assinala que apenas 15% da população pobre nigeriana vivem em áreas estáveis de baixa renda; 40% em áreas de renda média; e 45% vivem em áreas frágeis e afetadas por conflitos. Os dados sugerem que a pobreza é baixa em áreas nigerianas de baixa renda estáveis, mas alta em áreas afetadas por conflitos. Também mostra que a pobreza é predominante em áreas de renda média devido à desigualdade e à marginalização. Uma revisão dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio na Nigéria, especialmente no que tange à sua implementação em Ogoniland, mostra que o desafio é enorme e há a necessidade de intervenção urgente. Todos os relatórios oficiais indicam que não é provável que Ogoniland atinja a meta um: redução da pobreza extrema e da fome. A fim de atingir a meta um, espera-se que Ogoniland reduza a proporção de sua população que vivem com menos de um dólar por dia para a metade do nível verificado em 2015, o que significa a redução da pobreza de cerca de 32% para 23%. No entanto, os dados do Instituto Nacional de Estatística indicam que o nível de pobreza a partir de 2015 aumentou para 61,1% (Nwabughioqu 2016). É importante salientar que Ogoniland tem o mais alto nível de pobreza no país. Tomados em conjunto, o nível de pobreza em todas as áreas produtoras de petróleo na Nigéria é provavelmente o mais elevado do país, comparando a outras áreas não produtoras. As razões para a situação incluem: degradação ambiental, insegurança, desigualdade, marginalização e falta de programação eficaz pelo governo para apoiar os pobres, especialmente entre os moradores rurais Ogoni. A Ogoniland apresenta um amplo exemplo de empobrecimento

como demonstrado pela pobreza generalizada, o desemprego, a deterioração das infraestruturas e stress ambiental. Todos esses fatores, enquanto diretamente causadores da milícia, ainda promovem um ambiente fértil para as operações de milícia. Apesar do crescimento socioeconômico da Nigéria no período recente, a pobreza e a desigualdade de renda são altas em Ogoniland. O Relatório de Avaliação Ambiental de Ogoniland revela que 112,5 milhões de nigerianos (70% da população) são classificados como “pobres ou absolutamente pobres” (Izeze 2015). Áreas onde há grande ocorrência de milícia, como Ogoniland, têm a pior taxa de pobreza (Obi e Rustad 2011). Esta situação é agravada pelo analfabetismo e pelo desemprego. A educação em Ogoniland é mal financiada e as escolas são escassas no Reino Ogoni. Devido ao fato de que muitas crianças são enviadas para escolas públicas onde são deixadas para sua própria sobrevivência, no contexto de pobreza generalizada e decadência social, tal prática as deixa vulneráveis a abusos por parte de grupos paramilitares.

Implicações da Milícia em Ogoniland

Não há dúvida de que o fardo da milícia sobre as agências de segurança e trabalhadores estrangeiros das petrolíferas tem sido extremamente pesado. Primeiro de tudo, Ogoniland perdeu alguns milhares de pessoas nos últimos anos, enquanto mais de cinquenta mil Ogonis foram deslocados. Este número inclui tanto as vítimas de ataques de grupos paramilitares – habitantes de Ogoniland, policiais e militantes – assim como os homens armados desconhecidos mortos em tiroteios. Além das vítimas (não só os mortos, mas também os feridos, incapacitados, enlutados ou desprovidos), o encargo econômico da milícia tem sido significativo. O governo nigeriano sozinho gastou mais de 100 milhões de dólares para lidar com a milícia entre o ano 1995 e 2015 (Nwabughioqu 2016). E o orçamento de segurança da Nigéria para 2015 foi 921 bilhões de nairas, o que equivale a apenas 6 bilhões de dólares estadunidenses, como resultado da insegurança geral no país.

Considerando os recursos adicionais que foram pagos para lidar com outros grupos de milícia, as perdas estruturais e outros encargos incalculáveis é bastante evidente que a milícia forçou o governo nigeriano a alocar a maior parte de seus recursos econômicos para lidar com ela causando, assim, um enfraquecimento de outros setores da economia. Além das muitas causalidades e do enorme peso financeiro, o efeito psicossocial e sociocultural da milícia sobre a população de Ogoniland é outro aspecto vital. O número elevado e a recorrência de incidentes de grupos paramilitares causaram medo generalizado e pânico, especialmente entre 1990 e 2015. Além disso, a

incidência permanece elevada após o ano de 1995, apesar de uma repressão militar e declaração de anistia para os paramilitares em Ogoniland (Opejobi 2016). O que aconteceu durante esses anos, afetou profundamente a psique coletiva da sociedade nigeriana, e as milícias fizeram avanços para alcançar seus objetivos de espalhar o medo e o pânico, enfraquecendo a economia da região e fazendo a Nigéria como um todo um país instável. Grupos paramilitares realizaram muitos ataques contra agências de segurança e trabalhadores estrangeiros das petrolíferas. Consequentemente, Ogoniland recebeu a sua parte de diferentes tipos de perdas, de curto e longo prazo, e fardos – não há dúvida de que a milícia enfraqueceu a economia do país nos últimos 60 anos.

A Tragédia da Milícia em Ogoniland

A tragédia da milícia tornou-se um símbolo terrível da nova realidade do século XXI. As estratégias de milícia em Ogoniland são inúmeras e levam a inúmeras vítimas e sofrimento inimaginável. É uma forma de atividade criminosa (“crimes contra a humanidade” e “crimes de guerra”, a pior forma de crimes imaginável) que merece punição severa. Mas a essência socioeconômica da milícia e o desejo de lutar contra paramilitares exigem uma abordagem multidimensional em vez de um simples militarista ou jurídica. De um ponto de vista, não há justificção para a milícia. No entanto, a milícia de Ogoniland é, apesar de tudo, crime de tipo especial. Do ponto de vista das organizações paramilitares locais e movimentos usando estratégias de milícias locais, as demandas são “justas”, e não têm menos valor do que aquelas que são compartilhadas por aqueles contra os quais eles cometem seus atos. Portanto, a guerra contra a milícia em Ogoniland, que tem um carácter social (étnico, confessional, ideológico) não é efetiva. Violência gera ódio e constitui a ideologia e a perpetuação de “crimes de ódio”. Portanto, “a arte da vida civilizada consiste em não reproduzir ‘mártires’ infelizes e ressentidos, e sim na construção do bem-estar das pessoas no contexto das suas longas relações de longo prazo umas com as outras” (Opejobi 2016).

O Estado nigeriano, em particular, deve tomar medidas (políticas, econômicas, sociais) no sentido de resolver e remover as condições que produzem a milícia e encontrar meios não violentos de lidar com conflitos econômicos, relacionados ao petróleo e sociais. É claro que é muito mais fácil propor medidas não violentas e preventivas para combater problemas de longa data e conflitos do que de fato fazê-los funcionar na prática. Uma solução simples para os problemas sociais complexos de Ogoniland não existe. As chamadas “soluções simples” (anistia, armas pesadas e combates militares) são impraticáveis ou levam a posterior complicação da situação. É possível (e

necessário) fazer a batalha com os autores individuais de atos de milícia. Mas não podemos usar a lei e as prisões, e erradicar as causas e fontes de milícia de Ogoniland, quando isso é usado como uma estratégia de “resolução” de conflitos sociais (econômicos, políticos, ideológicos) relacionados com o petróleo. Não há nenhuma panaceia para prevenir a milícia de Ogoniland e resolver o problema complexo que se encontra em sua raiz. O governo nigeriano tem de exercer alguma forma de prestação de contas e dissuasão judicial de forma agressiva ou então ninguém nunca vai levar suas advertências a sério. As pessoas responsáveis (especialmente os patrocinadores políticos, chefes tradicionais e religiosos) pela degradação ou destruição ambiental da terra natal dos Ogonis e a matança de seus líderes no passado nunca foram levados à justiça. Mesmo quando presos, os julgamentos não foram levados a cabo e muito menos as condenações. Mesmo quando alguns são presos, geralmente são detenções aleatórias, uma vez que os serviços de inteligência não são eficazes, tornando ainda mais difícil o recolhimento de provas de peso suficiente para separar os culpados dos inocentes. O número de milícias está aumentando. Recrutadas em Ogoniland parecem ser fáceis de se encontrar, especialmente entre aqueles que não têm simpatia ou patriotismo por sua nação, que culpam o governo por sua pobreza e desemprego e que desprezam modo de vida de outras pessoas. Essas pessoas precisam ser educadas e orientadas para ver que a pobreza e o desemprego são males para todos os grupos étnicos e regiões do país.

Mais do que isso, ninguém tem o monopólio do uso da violência. Violência desproporcionada pode ser usada por quaisquer grupos ou indivíduos que não conseguem controlar suas emoções e, portanto, não deve ser vista como uma arma do forte (Nwabughioqu 2016). Em suma, ninguém ou nenhum grupo, independentemente da origem étnica ou classe, nasce para dominar ou têm o monopólio do poder. Ogoniland é muito grande, diversificada e cosmopolita para qualquer indivíduo, grupo ou interesse tentar ditar o caminho e a vida ou a cultura de todos os outros, tal como é garantido pela Constituição da Nigéria. Os paramilitares de Ogoni têm capacidade de refutar as medidas de segurança postas em prática pelos órgãos do Estado e há rumores sobre tentativas de alguns funcionários do governo de negociar uma trégua, entretanto, o governo nunca deve deixar ser visto em uma negociação a partir de uma posição de fraqueza.

Como Nwabughioqu (2016) advertiu, “uma nação tem segurança quando ela não tem que sacrificar o seu interesse legítimo para evitar a guerra, e é capaz, se desafiada, de mantê-los pela guerra”. Em estudos milícia, é um fato estabelecido que um país pode estar insatisfeito com as condições doméstica ou na política internacional, mas se ele não tem a capacidade mil-

itar para mudar a situação, é provável que se mantenha relativamente passiva e restrinja-se a diplomacia e não ao uso da força. Se a anistia é entregue para aqueles que são suspeitos de terem cometido atos de milícia, isso deve ser feito porque os grupos hostis (ou seja, os Ogonis) estão todos bem cientes que o governo nigeriano tem a capacidade, a vontade e o apoio popular para esmagar a milícia, mas se recusa a fazê-lo a fim de não prolongar a crise, causar mais derramamento de sangue ou colocar civis inocentes em perigo. Estratégias militares e anistias não são a solução sustentável para a crise da milícia de Ogoniland. Este autor ouviu um oficial militar dizendo que os paramilitares que operam no lado de Ogonis são bem armados e ter um melhor domínio dos riachos. Isso os permite combater com êxito as agências de defesa e segurança enviadas para a área. O governo nigeriano tem de virar a atual de raiva dos Ogonis contra eles próprios. A atual administração do presidente Muhammadu Buhari precisa compreender a essência da milícia de Ogoniland para que ele possa inteligentemente definir como se envolver efetivamente na questão. Todos os nigerianos devem insistir em pôr fim à prática de marginalização de certos grupos minoritários ou vulneráveis no país. Nós todos devemos insistir em justiça, igualdade e equidade na distribuição dos recursos naturais.

Conclusão

A milícia em Ogoniland tornou-se um problema crítico de alta complexidade, agravado pela desigualdade e marginalização. Superando os desafios da situação de segurança em Ogoniland requer uma abordagem multidimensional, pois tem se registrado algumas falhas. Primeiramente, há a necessidade urgente de boa e democrática governança, centrada nas pessoas, com uma liderança transparente e responsável, na qual o Estado de direito é respeitado e os direitos humanos fundamentais são garantidos. Em segundo lugar, nenhuma sociedade pode garantir a sua segurança sem instituições eficientes e eficazes de aplicação da lei. A polícia nigeriana é responsável pela manutenção da lei e da ordem, a prevenção e controle da criminalidade. Ela precisa ser reforçada em termos de formação, equipamentos, profissionalismo, estrutura e bem-estar. Após o fortalecimento da polícia, deve ser uma prioridade das forças de segurança adquirir inteligência através da informação a ser provida pelo público. Por agora, há uma aparente falta de confiança por parte do público em relação às agências de segurança, especialmente a polícia, e esta situação torna difícil para o público participar, especialmente para fornecer informações para a prevenção e controle da criminalidade. A situação tornou-se ainda mais complicada nos esforços atuais com o objetivo de

combater a milícia . Em terceiro lugar, os principais motores de milícia em Ogoniland são armas pequenas e leves que são contrabandeados com facilidade através de nossos porosos cursos d'água. Enquanto as armas podem não necessariamente causar conflitos relacionados com o petróleo, elas catalisam conflitos e os tornam mais violentos e destrutivos. O papel da imigração e alfândega na regulação dos movimentos de mercadorias e de pessoas não pode ser sobrevalorizado. Como a polícia, há uma necessidade de reforçar estes dois serviços para garantir que a integridade territorial da Nigéria não seja violada pelos cartéis de armas. Além disso, a Nigéria precisa limpar as armas já dentro do país e aquelas que circulam em torno de Ogoniland, extremidade do país que cria o caos para muitas comunidades. Por fim, a luta com o “pé na areia movediça” deve parar e dar lugar ao enfrentamento de forma abrangente dos inimigos comuns, os quais são a questão da desertificação, a perda de terras agrícolas e pastagens, perda de meios de subsistência e sua ligação com o desemprego dos jovens, a pobreza e a ignorância – de outra maneira, podemos acabar no fundo da areia movediça.

Medidas Viáveis para a Construção da Paz em Ogoniland

Para resolver o problema da milícia em Ogoniland, a pesquisa e as ações precisam prestar mais atenção à avaliação da situação da pobreza dos reinos Ogonis e medidas para erradicar a pobreza extrema. Para nigerianos garantirem que a Nigéria não só sobreviva, mas também cresça, prospere e cumpra a sua Visão 20:2020, que almeja fazer da Nigéria uma das 20 maiores economias do mundo até o ano de 2020, o país precisa tomar as seguintes medidas:

- A desigualdade deve ser tratada através de programas de intervenção a favor dos pobres. Há uma necessidade de programas maciços orientadas para os pobres em Ogoniland. Tais programas devem incluir uma revolução agrícola, educação, saúde e habitação em massa para os pobres.
- Todos os esforços devem ser feitos pelo Ministério da Defesa, Ministério do Interior, a polícia, o Conselho de Segurança Nacional, o Gabinete do Presidente (como C-em-C) e os governadores dos estados com problemas (como os “CSOs” em seus estados), e, assim por diante, para resolver a insegurança em Ogoniland. Se a insegurança não é abordada, progresso e desenvolvimento vão escapar de Ogoniland por um longo tempo, o que afetaria profundamente todo o país.

- A rápida aplicação da justiça deve ser assegurada através do reforço do sistema judicial e acesso aos tribunais para todos pelo Conselho Nacional de Justiça, o Ministério da Justiça, o advogado-geral, o diretor do Ministério Público e assim por diante.
- Há uma necessidade premente de ter uma limpeza de poluentes gerados por empresas exploradoras de petróleo em Ogoniland. As crianças devem ser habilitadas, treinadas e equipadas.
- Há a necessidade de desenvolver o pensamento crítico e independente e abordagens colaborativas para resolver problemas.
- Devem ser fornecidos aos Ogonis cuidados primários de saúde de graça ou a preços acessíveis, especialmente aqueles em áreas rurais.
- Igualdade de direitos deve ser provida e garantida para todos os Ogonis, especialmente as mulheres, os mais vulneráveis e as minorias, e os programas de redução da pobreza devem ser iniciados para reduzir a pobreza e indigência infantil em Ogoniland.
- As crises energéticas endêmicas devem ser resolvidas como uma prioridade para revitalizar a economia, estimular as indústrias locais e o investimento estrangeiro direto e criar empregos em Ogoniland.
- Os jovens em Ogoniland devem ser preparados através de oportunidades educacionais, profissionais, técnicas e vocacionais em todos os níveis, e o investimento do setor privado, especialmente de pequenas e médias empresas, devem ser promovidas para dar emprego para os jovens. Uma coisa chave que ajudará Ogoniland na solução de seus problemas: foco no desenvolvimento humano e melhoria de toda e qualquer pessoa que vive na área. Os Ogonis devem ser patriotas, honestos e trabalhadores. Todos devem respeitar as leis do país e exercer as suas funções cívicas, inclusive auxiliando as autoridades policiais e os militares em livrar a área da violência e milícia, de modo a criar um ambiente para o desenvolvimento sustentável.

REFERÊNCIAS

- African Network for Environment and Economic Justice (ANEEJ). 2004. *Oil of Poverty in Niger Delta*. Publicação de African Network for Environment and Economic Justice. <http://www.boellnigeria.org/documents/Oil%20of%20Poverty%20in%20Niger%20Delta.pdf>
- Akunna, Chuks. 2006. "Group Warns Against Military Action in Niger Delta." *All Africa*, 14 de março.

- Amnesty International. 2005. *Nigeria Ten Years On: Injustice and Violence haunt the oil Delta*. <http://web.amnesty.org/library/Index/ENGA-FR440222005>
- Arubi, E., e Onoyume, J. 2006. "Militants Strike Again as Explosions Rock Warri, Port Harcourt." *Nigerian Vanguard Newspaper*, 24 de dezembro.
- Association of Nigerian Scholars for Dialogue. 1990. *Ogoni Bill of Rights*. http://www.waado.org/nigerian_scholars/archive/docum/ogoni.html
- Badmus, Isiaka Alani. 2006. "Ethnic Militia Movements and the Crisis of Political Order in Post-Military Nigeria." *Journal of Social Science* 13 (3): 191-198.
- Bassey et al. 2002. "Strategic Conflict Assessment of South-South zone, Nigeria." *Institute for Peace and Conflict Resolution*. Abuja. <http://www.legaloil.com/Documents/Library/Bassey%20et%20al2002.pdf>
- BBC News Africa, 2007. "Nigerian militants call off truce." 24 de setembro. <http://news.bbc.co.uk/2/hi/africa/7010028.stm>
- BBC News Africa. 2007. "Nigeria probes Delta gang links." 19 de setembro. <http://news.bbc.co.uk/2/hi/africa/7002310.stm>
- Boele, R., Fabig, H., e Wheeler, D. 2001. "Shell, Nigeria and the Ogoni. A study in unsustainable development: I. The story of Shell, Nigeria and the Ogoni people – environment, economy, relationships: conflict and prospects for resolution." *Sustainable Development* 9: 74-86.
- Brown, Jonathan. 2006 "Niger Delta bears brunt after 50 years of oil spills." *The Independent*, 26 de outubro. <http://news.independent.co.uk/world/africa/article1930130.ece>
- Carr, O., Douglas, U., e Onyeagucha. 2001. "The Ogoni people's campaign over oil exploitation in the Niger Delta." In *Environmental Policies and NGO Influence. Land degradation and sustainable resource management in sub-Saharan Africa*, por A. Thomas, S. Carr, e D. Humphreys, 150-170. London: Routledge.
- Climate Justice Programme/ERA. 2005. "Climate Justice Programme and Environmental Rights Action/Friends of the Earth Nigeria.", "Gas Flaring in Nigeria: A Human Rights, Environmental and Economic Monstrosity." <http://www.climatelaw.org/media/gas.flaring/report/gas.flaring.in.nigeria.html>
- Ebeku, Kaniye S.A. 2001. "Oil and the Niger Delta people: The Injustice of the Land Use Act." *The Centre for Energy, Petroleum and Mineral Law and Policy* 9: Article 14. <http://www.dundee.ac.uk/cepmlp/journal/html/>

vol9/article9-14.html

- Gurr, Ted. 1970. *Why men rebel*. Princeton: Princeton University Press.
- Gurr, Ted. 2000. *People versus States: Minorities at Risk in the New Century*. Washington DC: United States Institute of Peace Press.
- Igbara. 2010. “Environmental Assessment of Ogoniland Project: Desk Studies on Public Health.” Preparado para o United Nations Environment Programme, Post-Conflict and Disaster Management Branch, de acordo com um projeto de cooperação com a Rivers State University of Science and Technology (RSUST), Port Harcourt, Nigéria. 18 de maio.
- International Crisis Group. 2006. “The Swamps of Insurgency: Nigeria’s Delta Unrest.” *Africa Report* no. 115.
- Izeze, Ifeanyi. 2015. “Buhari and Ogoni UNEP Report: Fresh Opportunity to Make Progress.” *Sahara Reporters*, 10 de agosto. <http://saharareporters.com/2015/08/10/buhari-and-ogoni-unep-report-fresh-opportunity-make-progress-ifeanyi-izeze>
- National Bureau of Statistics. 2006. “Population Census.” Federal Republic of Nigeria. www.nigerianstat.gov.ng/nbsapps/Connections/Pop2006.pdf
- National Bureau of Statistics. 2015. “Poverty Profile 2015 in Ogoniland.” Federal Republic of Nigeria. <http://www.nigerianstat.gov.ng/Connections/poverty/PovertyProfile2015.pdf>
- Nwabughogu, Levinus. 2016. “N-Delta militancy fuelled by non-clean-up of Ogoniland —Buhari.” *Nigerian Vanguard Newspaper*, 29 de janeiro. <http://www.vanguardngr.com/2016/01/n-delta-militancy-fuelled-by-non-clean-up-of-ogoniland-buhari/>
- Nwilo e O. T. Badejo. 2001. “Impacts of Oil Spills along the Nigerian Coast.” *AEHS magazine*, edição de outubro. <http://aehsmag.com/issues/2001/october/impacts.htm>
- Obi, Cyril e Siri Aas Rustad. 2011. *Oil and insurgency in the Niger Delta: managing the complex politics of petro-violence*. London: Zed Books.
- Okechukwu, Ibeanu O. 1999. “Exiles in Their Own Home: Conflicts and Internal Population Displacement in Nigeria.” *Journal of Refugee Studies* 12 (9): 161-179.
- Okonta, Ike. 2006 “Behind the Mask: Explaining the Emergence of the MEND militia in Nigeria’s oil-bearing communities.” *Niger Delta Economies of Violence Working Paper* no. 11. Berkeley. <http://globetrotter.berkeley.edu/NigerDelta/WP/11-Okonta.pdf>

- Omeje, Kenneth. 2000. "Oil conflict in Nigeria: Contending issues and perspectives of the local Niger Delta people." *New Political Economy* 10 (3): 321-334.
- Opejobi, Seun. 2016. "How military personnel killed, displaced innocent women, children in Ogoniland – Moarch tells Senate." *Nigerian Daily Post*, 10 de março. <http://dailypost.ng/2016/03/10/how-military-personnel-killed-displaced-innocent-women-children-in-ogoniland-moarch-tells-senate/>
- Opukri e Ibaba. 2008. "Oil Induced Environmental Degradation and Internal Population Displacement in The Nigeria's Niger Delta." *Journal of Sustainable Development in Africa* 10 (1): 173-193.
- Ubong. 2010. *Ogoniland Environmental Assessment Air Quality Review*. Preparado para UNEP Environmental Assessment of Ogoniland.
- Ukeje, Charles. 2001. "Youth, Violence and Collapse of Public Order." *Africa Development*. vol. XXVII, n. 1 e 2: 337-366.
- United Nations. 1949. *Universal Declaration of Human Rights*. <http://www.un.org/en/universal-declaration-human-rights/>

RESUMO

Atividades paramilitares, que estão na sua maior parte localizadas em Ogoniland, Nigéria, têm constituído uma ameaça à segurança do país desde a morte de Keen Saro-Wiwa e os nove membros Ogoni, quando os mesmos foram enforcados durante o regime militar. Como meio de atrair atenção para si, o grupo Ogoni iniciou campanhas de violência que resultaram em assassinatos em massa de trabalhadores de petrolíferas e de forças de segurança. Para entender como a milícia tornou-se um nó Górgio de matéria securitária contemporânea da Nigéria, é necessário entender a realidade da Ogoniland assim como sua história socioeconômica.

PALAVRAS-CHAVE

Milícia; Ogoniland; Dilema Socioeconômico; Nigéria.

Recebido em 29 de julho de 2016.

Aprovado em 06 de setembro de 2016.

Traduzido por Joana Lopes